

É C L O G A

CHAMADA DO GERÊS

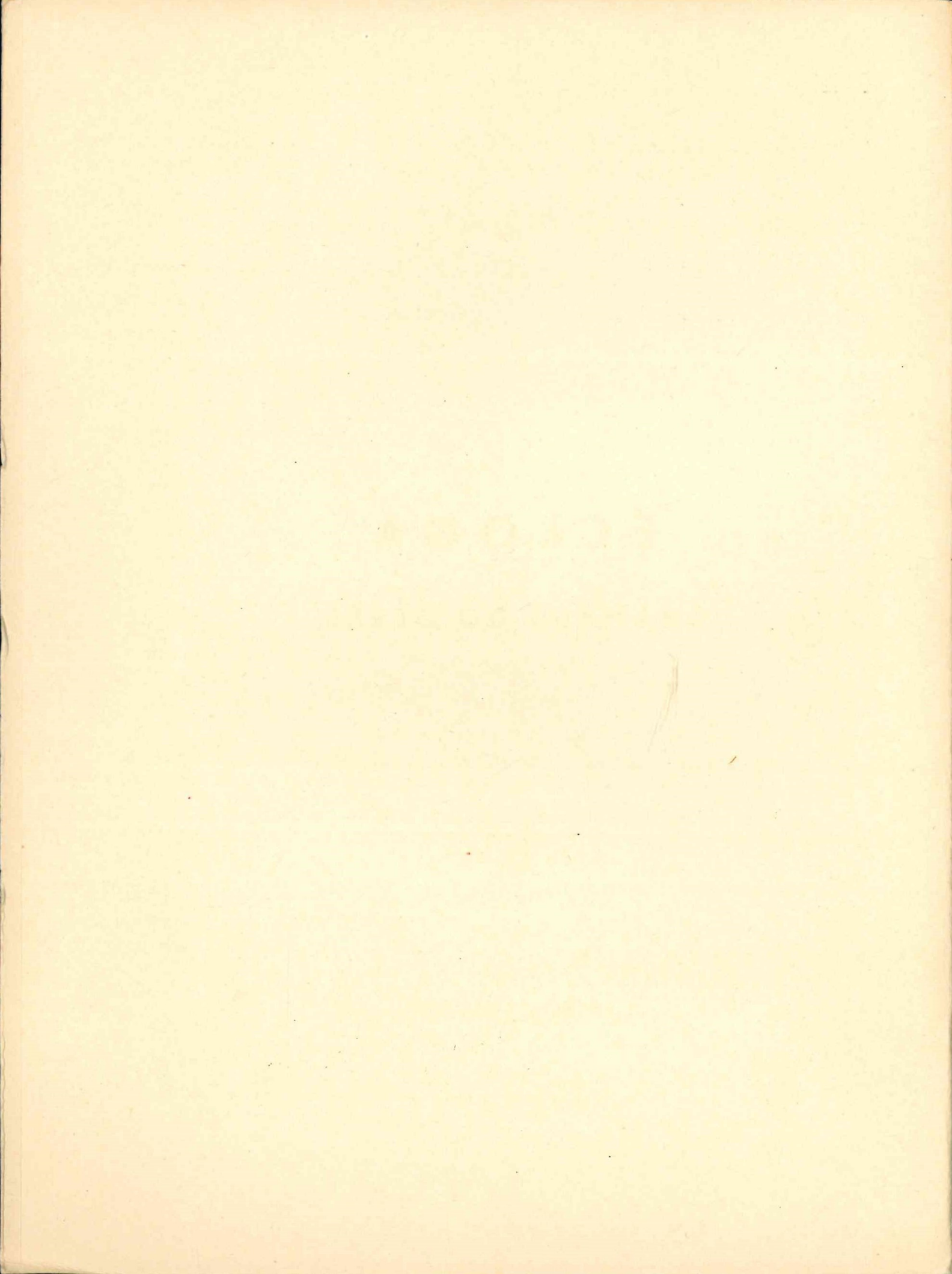
feita por Miranda de Andrade
para a Festa dos Mestres do
LICEV DE BRAGA, e lida
pelo Autor, na estância
do Gerês, aos XXVI
de Maio do ano
de MCMLI



EM BRAGA

NA OFICINA DA LIVRARIA CRVZ





ÉCLOGA

CHAMADA DO GERÊS

ÉCLOGA

CHAMADA DO GERÊS

É C L O G A

CHAMADA DO GERÊS

feita por Miranda de Andrade
para a Festa dos Mestres do
LICEV DE BRAGA, e lida
pelo Autor, na estância
do Gerês, aos XXVI
de Maio do ano
de MCMLI



EM BRAGA

NA OFICINA DA LIVRARIA CRVZ



Perm.

Barcelone

ÉCLOGA CHAMADA DO GERÊS

**Interlocutores: Leandro, Teófilo, Franco,
Ruim e Pastora-mor.**

Em mui fremosa manhã
De clara primavera,
Quando Maio faz louçã
A terra, que entristecera
Por longo inverno gelado,
Quando a flor touca a roseira
E o ar é perfumado
Co' o alegre canto das aves,
— Dois pastores se ajuntaram
Perto do Cávado ameno,
E num lugar se assentaram
Que Infias é chamado,
Lá onde o pasto abundante
Ocupa mui grão terreno.
Um dos pastores tem nome

Alto e quase divino,
Pois Teófilo se chama ;
Dos bens do mundo abastado,
O mundo tem percorrido,
Visto povos, visto gentes,
Em andanças permanentes,
Sendo muito conhecido
Por seu amor dos deportes
E por sua inclinação,
— Usando mezinha santa —,
P'ra tratar com devação
Nariz, ouvido e garganta.
Chama-se o outro pastor
Leandro, e é *pessoa*
Dedicada com fervor

Às artes do mecanismo.
Abomina o romantismo,
Os poetas mai-la música ;
Tem rica fazenda e gado,
E seus pares o consideram
Surlugião afamado.
Este pastor, colocando
Seu cajado contra um muro,
'Steve um pouco consid'rando,
E com tom de voz seguro,
Como quem fala consigo,
Ao companheiro prezado
Se dirige como amigo,
Assim dest'arte falando :

LEANDRO

Todo o homem se afirma
Por sua própria inteireza,
Seu carácter, sua fé,
Sua moral sempre acesa.
P'ra mim não vale nem é
Quem não for bom cumpridor
De palavra ou de promessa
Feitas a todo o pastor.
Há muito que trago já,
Amigo, um peso na alma
Que me tira toda a calma
E o sono, ieramá!
O mesmo sucederá

A ti, Teófilo amigo ;
Não há caldo nem presigo
Que nos façam bom proveito
Enquanto este remorso
Requeimar o nosso peito.
Doze luas são passadas
E mais outras doze em cima
Que, na ribeira do Lima,
Na festa do pastor Brito,
— Oh que saudosa festança! —,
Prometemos firmemente
Dar a toda a companhia
Uma função imponente,
Que lhe ficasse em lembrança.
Dois anos vão já corridos . . .

E o que fizemos nós ?
Tenho vergonha da voz
Que se ouvirá por aí
Com respeito à nossa fé . . .
É tempo já de dizermos
Que a promessa está de pé
E iremos cumpri-la cedo
Junto ao mar ou junto à serra,
Sob qualquer arvoredado . . .
Avisemos mui asinha
Os pastor's da nossa terra,
Preparemos a função,
Que me diz o coração
Que este mal que agora trago
— Reumatismo ou lumbago —

Não é causado senão
Por este remordimento
Que me come cá por dentro
E me azeda a figadeira,
De tal modo que pressinto,
— Valha-me a Virgem e S. Marcos! —,
Que irei, em veloz carreira,
P'rá terra de Monte d'Arcos...

TEÓFILO

Bofé! amigo Leandro,
O desespero não val'
É é mui mau conselheiro.
Guar-te Deus de ideia tal,

E toma teu ar fagueiro
Como soía manterdes.
Teus anos inda são verdes,
Não descreias da saúde,
Vade retro tal mofina!
E quando falte a virtude
Cá estará a medicina.
Bem alebrado estou eu
Do nosso prometimento,
Feito com bom sentimento
Nas margens daquele rio
Cor da terra e cor do céu,
Qu'inda vai cantando a fio
As trovas de oiro e cristal,
As trovas de amor e dó

Onde corre o bem e o mal
De Bernardes e Feijó . . .
Não o esqueço, e sempre quis
Dar-lhe inteiro cumprimento.
Porém, nem sempre o cariz
Foi propício ao intento.
Confesso que é já mui tarde,
Mas iremos já por isso,
Os pastor's inda cá estão
E as abelhas no cortiço . . .
Em dois anos não se gasta
Um cajado nem surrão.
Sossega, Leandro amigo,
Sossega o teu coração.
Devagar se vai bem longe

— Lá diz o ditado antigo . . .
E, por falar em distância,
Digamos qual a estância
Que devemos escolher
Para a festa se aí ter . . .
Por mim, julgo que talvez
A melhor, para a fazer,
Será o nosso Gerês.
É lugar assossegado
No tempo que vai correndo,
Não é grande povoado,
Ausente está o seu gado,
E o pouco que vai mantendo
Faz mister e nada turba ;
É terra de muita truita,

Larga sombra, muito fresca,
Boas águas, boa fruta,
Mui fremosa e pitoresca . . .

LEANDRO

À la fé, caro Teófilo,
Que tendes bom entender!
Esse lugar que dizeis
Não pode melhor haver.
Tende p'ra vós que eu sou
Tal de vosso parecer.
Tratemos já da função
E convidem-se os pastores
Mai-las pastoras que estão

O seu gado vigiando
Por aqui e arredores.
Deste-me mui bom prazer;
E seja do cumprimento
Do juramento havido,
Seja de te ouvir falar
Na Serra medicinal,
O que é certo é que meu mal
Já vejo diminuído,
Sinto estar menos cismático,
Não tenho tanto reumático,
Fígado menos inchado,
Já não preciso de estar
Tão preso a este cajado.

TEÓFILO

Mui prestes avisarei
Todo o mundo pastoral,
Falarei ao maioral
Bem como à pastora-mor.
Tudo lembrado será
De tal jeito que esta festa
Será a festa maior
Que se tem levado a efeito
No norte de Portugal.

*Saem os pastores Teófilo e
Leandro. Entram os pastores
Franco e Ruim e diz*

FRANCO

Bem deveis já de saber,
Pastor Ruim, a novidade :
A festa que se há-de ter
Dentro em pouco, no Gerês,
Bem longe cá da cidade.
Bofé, já ia cuidando
Que Leandro e mais Teófilo
Tinham esquecido de vez
Sua promessa lá feita
Com tanta solenidade.
Ia-os recriminando ;
Na razão ia pensando
De seu perjúrio e desonra...

Não atinava com ela ;
Mas alguém que muito se honra
De cortar na vida alheia,
Disse-me sem mais aquela
Que a razão era bem feia,
Não se podia dizer
Senão à boca fechada.
A razão — oh feio dito ! —
Era o dinheiro bendito,
Era aquela bolsa cheia
Ser bolsa bem apertada . . .

RUIM

Também ouvi que era essa
A causa da feia acção,

E também os censurava
Dentro do meu coração.
Viver em grande abastança
E faltar ao prometido
P'ra não gastar dois ceitis,
É miséria sem lembrança,
Bem própria das almas vis.
Outrossim, ouvi dizer
Que se elegeram o Gerês
Para a sua funçanata,
O motivo, — é bem de ver —,
É porque lá, neste mês,
Sairia mais barata . . .
Será assim? Não será?
Disso são eles capazes :

Só querem seus prédios largos
E seus campos bem ferazes . . .

FRANCO

Tende, tende, pastor Ruim,
Olhai que perdeis o siso ;
As coisas não são assim,
Vistas com sano juízo.
Os pastor's de quem falais
Por bons amigos os temos,
Em breve deles seremos
Obrigados, e atenções
Devendo lhes ficaremos.
Olhai que cumprindo vêm

Quanto prometeram antanho ;
Já reduzem o rebanho,
Chata a bolsa vão fazendo
Com a despesa que têm.
Acho que todos à boda
Presentes sejamos — todos —,
Haverá vinho a rodos,
Viandas do melhor cheiro,
E até danças de roda,
Castanhetas e pandeiro.

(Gritando com grande estrompido)

Eia sus! caros pastores,
À festa sede presentes

Que a vinte e seis deste mês
Dois amigos companheiros
Nos darão lá no Gerês.

Saem Franco e Ruim.

*Num vale da Serra, a meio da função
que fizeram Leandro e Teófilo.
Grande ajuntamento de pastores e
pastoras. Vem a pastora-mor e diz:*

PASTORA-MOR

Na minh'alta condição
De mestra-pastora ser

Recebo a grata missão
De vos vir agradecer,
A vós, Leandro e Teófilo,
Vossa gentil atenção.
No coração das pastoras
Corre um rio abundante
Da gratidão mais ardente,
Mais quente que o rio Caldo
Que corre perto da gente.
Minhas pastoras querendo
Dar-vos mostras de afeição
Andaram, pouco há, tecendo
Grinaldas de várias cores,
Feitas das muitas flores,
Ora azuis, ora amarelas,

Que povoam esta Serra,
Enchendo-a de mil primores.
Teceram duas capelas
Que deponho em vossas mãos;
E com grande reverença
Peço a vossa licença
Para as pordes na cabeça
Como se fôsseis irmãos.

*Ergue-se o pastor Franco e
diz desta maneira:*

FRANCO

Oh que festa singular
Nos deram estes pastores!

Nenhuma outra não vi
À qual possa comparar !
Oh que bosques tão umbrosos !
Oh águas maravilhosas !
Oh vinhos mais saborosos
Que as águas deliciosas
Que se vão perder no Mar ! . . .
Oh manjar's nunca sonhados
Em palácios reais !
Oh doçuras nunca vistas
Em mesas orientais ! . . .
E esta santa alegria
Nesta doce companhia
De pastoras e pastores —
— Nunca outra vi assim !

Erguei-vos, pastor Geraldo,
Também vós, pastor Ruim,
E dissei-lhes como é fundo
E vivo o nosso prazer !
Oxalá fosse sem fim !
Gratas já se vos mostraram
As pastoras cá presentes ;
Como elas, vos diremos,
Caros Leandro e Teófilo,
Que no nosso coração
Anda um mar de gratidão . . .
Erguei-vos, pastores todos,
Pegureiros e zagais,
Arrumai o chapeirão
A mái-lo vosso cajado,

Ca nós temos de beber
Por ambos os dois pastores
Que nos têm agasalhado.
Rendamos-lhe nossa menagem,
Saüdemos sua vida
Do fundo dos corações.
E em fim desta romagem,
Com arrabis e tambores,
Cantem e bailem pastores
Em honra alta, subida,
De nossos Enfatriões!

F I M

biblioteca
municipal
barcelos



11627

Écloga chamada do Gerês